

*Famosa comédia dos Sete  
Infantes de Lara  
Vida do conde de Castela e  
Fernão Gonçalves de Lara*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Famosa comédia dos Sete Infantes de Lara*

*Vida do conde de Castela e Fernão Gonçalves de Lara*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Maio de 2007

ISBN: 978-972- 9249-07-5

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de 1 Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## 1. Versões existente no Centro de Estudos António Maria Mourinho

Deste *quelóquio* há, no CEAMM, três exemplares, todos dactilografados a duas colunas. São trinta e uma páginas, já um pouco amarelecidas, escritas em letras de cor azul. Uma delas está um pouco mais nítida que as restantes, deixando entender que poderá ter servido de “original” às outras duas.

Para além disso, encontram-se também três folhas fotocopiadas, em formato A3, onde se reproduz aquele que terá sido um dos “cascos”. Estas três páginas manuscritas (de que se existem três cópias de cada), correspondem aos números 1 e 2 (a primeira reproduzida na edição digitalizada) onde se encontra, para além do título, o nome das personagens, assim como a última página. Nesta, uma nota informa que foi “*retocada, corrigida em 10 de Abril de 1949 pelo senhor Firmino João Miranda Lopes*”.

Tudo isto foi transcrito para a versão dactilografada, deixando supor que este lhe servir de base. As restantes páginas ter-se-ão perdido.

## 2. Origens

A história dos Sete Infantes de Lara transporta-nos directamente para o século X, para um mundo onde a realidade e a magia, embora amordaçados pela igreja, se confundem num só. A lenda, de fundo histórico, relembra-nos os feitos e as lutas entre os mouros e os cristãos durante a chamada “reconquista”. Assim chegou até nós esta epopeia sangrenta, familiar, recolhida na *Primeira Crónica Geral de Afonso X*, na *Crónica* de 1344 e também na *Terceira Crónica Geral*, sobrevivida em Castela durante o reinado de Ramiro II (931-951).

O “romance” baseia-se num antigo cantar de gesta, já desaparecido. Juntamente com o *Cantar del mio Cid* e o *Poema de Fernán González*, um dos mais importantes cantares de gesta castelhanos. A história gira em torno de uma desavença familiar. Casava-se Dona Lambra de Bureba com Don Rodrigo de Lara, irmão da mãe dos infantes, Dona Sancha. Frente a frente encontram-se os familiares da noiva e os de Lara. Perante a vontade de vingança de Dona Lambra, o seu tio, D. Rodrigo, urdiu um plano de vingança enviando Gonçalo Gustios, pai dos infantes, com uma carta a Almançor, dizendo-lhe que matasse aquele que levava a carta. Mas Almançor tem pena de Gonçalo e não o mata, prende-o. A outra parte do plano consistiu em enviar os infantes para a batalha contra os mouros, abandonado-os no campo de batalha, e assim aconteceu.

O momento mais impressionante do *romance* é quando Almançor mostra as cabeças dos sete infantes ao seu próprio pai. O seu choro, diante das cabeças dos filhos, constitui uma das páginas mais pungentes de toda a epopeia. Em Portugal, conhece-se pelo menos

uma edição, de 1747, traduzida por Reynerio Bocache e impressa na “oficina de Domingos Rodrigues”, com o seguinte título: *História nova, curiosa, e verdadeira da morte e façanhas dos Sete Infantes de Lara, com a vida do nobre cavalleiro, o Conde D. Fernando Gonsalves, extrahida fielmente das chronicas de Espanha.*

### 3. Representações

Parada, no concelho de Bragança, parece ser a localidade onde este “auto” ganhou mais raízes e o lugar onde foi mais vezes representado. Segundo a lenda local, eles teriam nascido justamente nesta localidade. O Padre João Baptista Carvalho, foi um dos “regradores” mais conhecidos e das suas mãos recolheu Azinhal Abelho a versão que publicou no 2º volume da sua obra *Teatro Popular Português*. A. Machado Guerreiro reproduz, fotograficamente, a partir da representação em Parada de Infanções (concelho de Bragança), em 1972, quatro dos seis “berços” dos Infantes, assim como o palco e a casa brasonada, onde, segundo a tradição, nasceram os sete infante de Lara<sup>1</sup>. O mesmo Guerreiro informa que este texto foi representada em Argozelo, em 1960 e também cerca de uns vinte anos antes<sup>2</sup>.

Valdemar Gonçalves informa igualmente que possui um manuscrito, datado de 1923, recolhido em Sendim. É provável que aqui tenha sido representado por essa altura. Tratar-se-á da versão mais antiga e a partir daí levado para Parada

---

<sup>1</sup> J. Leite de Vasconcelos, *Teatro popular português*. Coligido por J. Leite de Vasconcelos, Coordenação e notas de A. Machado Guerreiro, Vol. II (*Profano*), 1978, pág. 233 e 249.

<sup>2</sup> *Op. cit.*, p. 221.

## **Figuras que entram neste Auto<sup>1</sup>**

### **Da parte dos cristãos**

- 1º Fernando Gonçalves de Lara, conde de Castela e pai dos sete Infantes
- 2º D. Sancha, esposa de Gonçalves
- 3º Os sete infantes
- 4º Capitão General
- 5º Rei Velasques, Rei de Hespanha
- 6º Alambra, esposa do Rei Velasques
- 7º Conde de Aro
- 8º Fernando Garcia, Conselheiro do Rei Velasques e esposo da sobrinha do Rei Velasques
- 9º D. Elvira, esposa de Fernando Garcia
- 10º Cuchurrum, escudeiro do Conde Fernão Gonçalves de Lara de Castela
- 11º Branca-Flor, aia de D. Sancha-Criada

### **Personagens Mouras**

- 1º Rei Almansor
- 2º Branca-Luna, filha do Rei Almansor
- 3º Conselheiro do Rei
- 4º Capitão Mouro; General
- 5º Mudarra, filho de Branca-Luna e de Fernão Gonçalves
- 6º Dois Anjos
- 7º Aias, damas de companhia
- 8º Servos ou escudeiros
- 9º Palafreiros ou Carcereiros
- 10º Padre para o casamento de D. Elvira
- 11º Soldados mouros com o Rei Almansor

---

<sup>1</sup> “acto”, no dactiloscrito.

## Cronista

### *Resumo da vida de Fernão Gonçalves de Lara e de seus sete filhos*

#### Profecia<sup>1</sup>

Prestem sua atenção  
Meus ouvintes não falar  
A vida do Fernão Gonçalves<sup>2</sup>  
Eu vo-la vou a contar.

No tempo de D. Ramiro  
Em o *arco*<sup>3</sup> do Senhor  
De novecentos e um  
Nasceu este vencedor.

Com muita graça e esforço  
Que nosso Senhor lhe deu  
Ele aos mouros muitas vezes  
Nas suas lutas venceu.

O Rei Ordonho II  
Por inveja o cativou  
Mas sua filha D. Sancha  
Foi quem o libertou

Se escaparam para Burgos  
E as bodas juntas fizeram  
A infanta D. Sancha  
Muito bem a receberam.

Gonçalves muito cansado  
De com todos pejar  
Na companhia da esposa  
A lua-de-mel algum tempo quis passar.

Um dia a irmã de Velasques  
Muito grávida ficou  
Deu à luz sete crianças  
E mui sentida ficou.

Foi na província de Burgos  
E na cidade de Lara  
Que nasceram os sete infantes  
De família mui ilustrada.

D. Sancha envergonhada  
De não os poder criar  
Por conduto da criada  
Seus filhos mandou afogar.

O homem põe e Deus dispõe  
Ouçam, ouvintes amados  
Pois *quíz* Deus que pelo pai  
Os meninos fossem livrados.

Gonçalves andando a caça  
Junto de uma ribeira  
Viu ir a Branca-Flor  
Com uma grande canseira.

Vindo-lhe um cesto na mão  
Lhe perguntou onde ia  
Mas Branca-Flor confessa  
Por bem não lhe respondia.

Gonçalves ameaçou-a  
E então ela lhe contou  
Que afogar uns cachorros  
D. Sancha lhe mandou.

Gonçalves porém lhe disse  
Que não matasse a criação  
E que os tornasse a lavar  
Sem nenhuma *dileção*<sup>4</sup>.

Leva para casa os cachorros  
Um deles eu escolherei  
Diz à ama portanto  
Que fui eu que te mandei.

Não obedeceu a serva  
Ao senhor Conde Fernão  
E *êste* destapa o *cêsto*  
Vê... parte do seu coração!...

Então a moça lhe disse  
Que D. Sancha deu à luz  
Sete meninos e não querendo  
Suportar tão grande cruz.

---

<sup>1</sup> No nosso texto lê-se “profecios”. Trata-se certamente de um “erro” do copista.

<sup>2</sup> Como se verá, este nome aparece muitas vezes escrito com a forma Gonçalo. Assim o deixamos, lembrando que tal se deve certamente ao facto de ter sido traduzido do castelhano “Gonzalo”.

<sup>3</sup> Certamente por erro do copista, devendo ler-se “ano”.

---

<sup>4</sup> Por “dilação”.

À serva mandou levar  
No cesto seis dos filhinhos  
A afogá-los na ribeira  
Tão novos os coitadinhas...

Sua ama lhe oferecera  
Uma túnica franjada  
De púrpura e a ninguém  
Ela revelaria nada

Gonçalves conde de Castela  
Os filhos mandou levar  
Por muito diferentes povos  
Para os dar a criar.

E quando tinham sete anos  
Gonçalves fez ajuntar  
Na presença da esposa  
Quem ela mandou afogar

D. Sancha envergonhada  
Perante Gonçalves chorou  
Mas este muito contente  
Sua mulher perdoou.

Chamou a Nuno Salido  
Que era um sábio professor  
Que os ensinou a manejar  
As armas com grande valor.

Os Sete Infantes de Lara  
*Saiam* a pelejar  
Em favor da santa-fé  
Contra os mouros do alamar<sup>5</sup>

Quando o rei Velasques *quix*  
Suas bodas convocar  
A Gonçalves e seus filhos  
Logo os mandou chamar.

D. Alambra um torneio  
Escolheu um cavaleiro  
Que foi muito mal tratado  
Pelo infante terceiro

Este conflito originou  
Grande ódio e vingança

Gonçalo e seus infantes  
Sofrem horrível matança.

No jantar do banquete  
Começou a namorar  
O 3º Infante, Elvira,  
Que também se ia casar.

E D. Elvira aceitou  
O namoro do Infante  
E o conde de Aro seu noivo  
Ficou de fúria impante.

Gonçalo Vusto o primeiro  
Dos Sete Infantes de Lara  
Fez a *côrte* a D. Alambra  
Que lhe *mustrou* mui má cara.

D. Alambra e Garcia  
Muito bem se combinaram  
E os dois associados  
Ao rei Velasco o contaram.

Então para se vingar  
Mandou como embaixador  
Fernão Gonçalves com um papel  
Para o rei Almansor.

E nesse papel dizia:  
“Ouve-me ó rei Almansor  
Se comigo queres ter paz  
Prende o meu embaixador”.

Os infantes desde que viram  
Que seu *pae* estava penando  
Se juntaram ao rei Velasco  
Para o ir libertando.

Mas as forças de Velasco  
Combinadas com Almansor  
Cristãos e mouros juntos  
Os coroaram com grande furor.

Por 6.000 cristãos cercados  
E dos mouros mil  
Degolaram-nos a todos  
Aquela canalha vil.

As cabeças as mostraram  
A Gonçalves de Castela  
Com mui grande sentimento

---

<sup>5</sup> Na versão publicada por Azinhal Abelho lê-se “Ademar”. (Doravante indicaremos esta versão apenas pelas iniciais do seu editor: A.A.).

De uma linda donzela.

Era esta Branca-Luna  
E filha de Almansor  
Que vendo Fernão na cadeia  
O adorou com fervor.

Branca-Luna tinha um filho  
Que era Mudarra chamado  
Foi um valente guerreiro  
Pelo conde na prisão gerado.

Aos dezasseis anos foi  
Por sua mãe aconselhado  
A vingar-se do Aro  
Alambra o seu amado.

A Velasques adorado  
A morte lhe soube dar  
E em seguida baptizou-se  
Ficou senhor do condado  
Para o salvador amar  
E a fé de Cristo dilatar.

Senhores, esta é a obra  
Que acabo de anunciar  
E a minha simples voz  
Que todos vos deveis perdoar.

*(Faz uma vénia ao povo)*

*NOTA – I acto no tablado no Paço de  
Gonçalves. O Capitão General do Rei Velasco vai  
falar, como embaixador, ao conde Fernão e diz o  
seguinte:*

CAPITÃO GENERAL  
Conde Fernão de Castela  
Aqui vos venho falar  
Por mando do rei Velasco  
Seu capitão General.

Pois determinado tem  
De umas festas convocar  
Com a senhora D. Alambra  
Ele já se vai casar.

Vós que sois da sua gente  
E de grande fidalguia  
Também quer que o acompanheis

Nesse *magestoso* dia.

Para depois todos juntos  
Muito bem determinar  
Ir contra o mouro Almansor  
Que nos *quere* subjugar.

Minhas tropas e as suas  
Já combinados estão  
Para ir contra Almansor  
Todos se ajuntarão.

Vossa Excelência será  
Como bom pelejador  
A quem a todos mandará  
Na luta contra Almansor.

Que é mui forte guerreiro  
E de muita valentia  
Homem de muito poder  
E de grande fidalguia.

Vossa honrada senhoria  
Não se deve retirar  
Com sua bela senhora  
A terras de Portugal.

Sem ver de Burgos tirados  
Esses árabes traidores  
Que de nossas terras  
Eles se dizem senhores.

E nas cortes de Toledo  
Já se tem determinado  
Fazei-lhe guerra mortal  
A esse inimigo danado.

Isso temos que fazer  
Indo logo a pelejar  
Suas tropas as minhas  
Nunca nos acovardar.

O meu amigo Gonçalves  
Como pelejador  
Não deverá temer  
A esse rei Almansor.

*Fala Gonçalves:*

Farto estou de brigar  
Fortes batalhas *ei dado*

E aos mouros destas terras  
Todos tenho subjugado.

Sou conde Fernão de Castela  
Meu nome é bem conhecido  
Conde sou dos mais *honrrados*  
Que até agora tem nascido.

Pois as acções de guerra  
Que até agora tenho dado  
Serão dignas de contar  
Como tempo bem passado.

Em Navarra pelejei  
E uma insigne vitória  
Tornaram-me uma traição  
Bem notável na história.

Contra o Conde de Tavorde  
Muitas vezes pelejei  
E com o fio da minha espada  
Muitas terras eu ganhei.

Isso dá-me a conhecer  
Meu valor contra Almansor  
Pois farei o próprio sol<sup>6</sup>  
Com o meu fero valor.

E não deixei circular  
Os mouros nesta Nação  
Pois Hespanha e Portugal  
É uma mesma região.

Pois eu vou a recorrer  
As terras de Trás-os-Montes  
Onde os Sarracenos tinham  
*Alevantado* os seus fortes.

Lembro-me quando encontrei  
Em a ponte da uma ermida  
Um frade de nome Pelaio  
Que me resgatou a vida.

E quando o céu baixou  
São Tiago a defender  
Na batalha contra a mouro  
Contra o infiel poder  
E seu maldito poder.

Quando minha amada esposa

D. Sancha me tirou  
Dos cárceres de Leão  
E dali me resgatou.

Depois seguindo juntos  
Num deserto me atentou  
Com um mau cavaleiro  
A quem muito lhe rogou.

Recordo-me! Ai como é bom  
Recordar tempos passados!  
Oh saudades amargas  
Delitos saboreados.

Oh tempos deliciosos  
Que com Sancha eu passei  
Quando com minha amada  
Do cárcere me tirei.

Como nesse tempo hoje  
Eu a amo com fervor  
Chega os raios da loucura  
A paixão do mau amor.

Podeis ir ó General  
Dizer ao rei bem amado  
Que não faltarei ao favor  
De ser eu convidado.

Anda cá infanta querida  
Que a mim estás desejando  
Saberei o que te passou  
Neste momento e quando.

*NOTA - Vai-se o Capitão General e sai  
Gonçalves e sua mulher.*

GONÇALVES  
Mulher, tua ingratidão  
Muito a mim me faz temer  
Oh meu Deus do alto céu  
Para que me dais mulher.

Está muito agoniada  
Porque grávida se vê  
Muito doente se acha  
Eu não sei que lhe farei.

Pois neste pequeno reino  
A *lusitania* chamada  
Não há nenhuma mulher

---

<sup>6</sup> “Fiz parar o mesmo Sol” (A.A.)



Que assim tenha gerado.

Província de Trás-os-Montes  
E na cidade de Lara<sup>7</sup>  
Se criou esta mulher  
Sempre de mim tão amada.

Não desconfies mulher  
Que minha linhagem vem  
De fidalgos muito honrados  
Como a tua também.

Assim nos será melhor  
Bem sabermos conservar  
Que o nosso exemplo seja  
De quem se tem de falar

Seja honra nosso exemplo  
Nossa personalidade  
Seja digna de contar  
Em toda a cristandade.

*Fala D. Sancha:*

Não sei como ouvido tenho  
Para agora te falar  
Deus queira que dê à luz  
Meninos para te fartar.

Sempre estavas a pedir  
Que da tua geração  
Saísse um filho querido  
Ouvi-me esta maldição.

Vou-me embora Gonçalves  
No meu quarto encerrar  
Que eu não tenho vontade  
De agora aqui falar.

*NOTA - D. Sancha vai para o seu quarto muito triste e agoniada e fala Gonçalves*

GONÇALVES  
Minha mulher bem descansa  
Pois ela não tem prazer  
Para falar diante de mim  
Como uma boa mulher.

Tem tido já muitas dores  
Nunca tem *bontades*  
De falar do rei Velasques  
E de suas dignas *magestades*.

Agora vou a caçar  
A distrair pensamentos  
Que esta ribeira tem  
Ocultos muitos portentos.

*NOTA – Vai-se embora e fica oculto no monte com a espingarda carregada à espera de ver vir alguém com algum mistério. Sai D. Sancha e a Criada. Fala D. Sancha.*

D. SANCHA

Sempre estou a chorar<sup>8</sup>  
E não queres responder  
Tu não me queres servir  
Tira-te diante mulher.

Se pensas nos teus amores  
Bom conselho colherás  
Da minha pessoa  
Perdida não te olharás<sup>9</sup>.

CRIADA

Ainda não tenho amores  
Nem jamais queria eu ter  
Que vejo todos os dias  
As mulheres a sofrer.

Além disso esses amores  
São para quem não tem que fazer  
Uma criada precisa sempre  
Os seus patrões atender  
E não pode tempo perder  
Tem sua casa que *barrer*.

A par destas consequências  
Se eu fosse muito bela  
Passaria dias e noites  
A namorar à janela.

Minha vontade é servir  
A minha ama acompanhar  
*Comprir* as suas vontades

---

<sup>7</sup> Em outras versões, diz-se que os Infantes nasceram na povoação de Parada, concelho de Bragança, onde o auto foi representado por várias vezes.

---

<sup>8</sup> “Chamar” (A.A.).

<sup>9</sup> “Meus conselhos ouvirás / Faz por ser boa menina / E nunca te arrependerás” (A.A.).

Para melhor me pagar.

D. SANCHA

No teu poder está  
Minha vida de mulher  
Se tu não me favoreces  
Não tardarei em morrer.

CRIADA

O que me manda farei  
Sem nenhuma dilação  
Aqui está para vos servir  
Meu honrado coração.

D. SANCHA

Farás o que eu te mando  
Com grande segredo meu  
Um fato novo ganharás  
De cor azul lindo do céu.

Numa cestinha leva  
Meus meninos afogar  
Que são sete e eu não posso  
A todos dar de mamar.

E se o amo te sair  
Ao caminho a *preguntar*  
Diz que pariu a cadela  
E os cães vais afogar.

CRIADA

Venha depressa o cestinho  
Muito bem preparado  
Antes do amo chegar  
O farei com muito agrado.

Os meninos eu deitarei  
Num poço muito profundo  
Para que se não tornem a ver  
Nunca já mais no mundo.

*NOTA – Pega no cestinho e vai seguindo o caminho para a Ribeira de Lara, D. Sancha oculta-se no seu quarto. Gonçalves continua no monte oculto. Logo vê a criada [que] diz para ela estas palavras:*

CRIADA

Bom<sup>10</sup> coração tem a mãe

---

<sup>10</sup> Em A.A. lê-se “mau”, o que nos parece estar mais de acordo com o significado do acto.

Que os filhos manda afogar  
E a carne que em seu corpo  
Nove meses trouxe a morar.

Aqui vem um caçador  
Já me faz a mim tremer  
É o pai dos meninos  
Que será de mim mulher.

*NOTA – Gonçalves, que estava no monte escondido, sai imediatamente à criada e diz:*

GONÇALVES

Onde vais minha criada  
Com esse bom cestarelho  
Me trazes agora aqui  
Guizadinho algum coelho.

CRIADA

Pariu hoje a cadela  
E a ama me mandou  
Afogar alguns cães  
Que com gosto lhe tirou.

GONÇALVES

Eu quero deixar algum  
Todos não quero afogar  
E sem nenhuma dilação  
Torna logo a levar.

CRIADA

Minha ama me mandou  
Afogá-los na ribeira  
E se agora lhe faltar  
Seria a vez primeira.

Eu nem lhe quero mostrar  
Nem *tam* pouco obedecer  
O que me mandou minha ama  
É o que vou fazer.

GONÇALVES

Deixa cá ver mulher  
Quero olhar a criação.

*NOTA – Gonçalves destapa o cesto e em vez de cães vê os seis meninos!... Triste e comovido diz o seguinte:*

GONÇALVES

Valha-me Deus!...

Isto é...  
Parte do meu coração!...

Oh mulher enganadora  
Como queres afogar  
Os filhos que algum tempo  
Me terão de consolar.

Que dor, que mágoa, que pena  
Trespassa meu coração  
Por ser mulher criada  
Cometer tamanha traição.

*NOTA—Gonçalves examina o cesto e dentro vê  
seis meninos fruto do seu coração.*

Alma minha e coração  
Sai agora a visitar  
O fruto que agora aqui  
Eu saberei resgatar.

Sai e verás o teu sangue  
Seis formosas criancinhas  
Que eu liberto da morte  
Aqui nestas campinas.

Céu Santo consagrei  
Este fruto do meu jardim  
Que no paraíso ameno  
Se recreou sem ter fim.

Veias que vêm circular  
Meu sangue fizeste sair  
A padecer pelos montes  
Sem poderes consumir.

Oh Ribeira de Lara  
Como *queiras* ocultar  
Na tua *concabidade*  
Meu fruto sem reparar.

Montes, abismos obscuros  
Deste território de Lara  
Como me vedes aqui  
Sem sentido na caçada.

Por vir a matar a caça  
E me vir a recrear  
O meu generoso sangue  
Vim agora a libertar.

Deixa-me aqui os meninos  
Não me faças mais penar  
Eu arranjarei mulheres  
Que os tenham de criar.

Mas antes quero que tu  
Me faças *desinganar*  
Quanto minha mulher fez  
*Senão conte a assissinar.*

CRIADA  
Sem conhecer a maldade  
Meu senhor quero falar  
O que a minha ama fez  
Mas não lhe queira ralar.

Ofereceu-me um fato novo  
Para que eu fosse afogar  
Os meninos que aqui *veem*  
Sem eu a ninguém falar.

Deu à luz sete meninos  
Ela com um ficou  
Mandando afogar os outros  
Muito se envergonhou.

Disse-me que não dissesse  
A vossa ilustre senhoria  
Se não da sua casa  
Logo ela me tiraria.

GONÇALVES  
Agora só o mal, a dor me atinge  
O meu pobre coração  
Só minha mulher podia  
Cometer tão vil *ação*.

Quem tal crime comete  
Não tem boa disposição  
Minha mulher não tem  
Alma, nem bom coração.

*Deserto* em mim aquela dor *atróz*  
Nasce horrível por ela seu efeito  
Meu pensamento dorme e ávida finge  
À espera de outro sono mais perfeito.

*Deserto* em mim aquela dor atroz  
Nasce horrível, por ela lhe sinto o seu efeito  
Meu pensamento dorme e não acredita  
Que minha mulher esta traição tenha feito.

Mas o Deus do alto céu  
Me *quize* dar a conhecer  
Meus meninos tão amados  
A Deus hei-de agradecer.

Sem nenhuma detenção  
Pelos povos eu irei  
E a estes meninos  
Mulheres arranjaréi.

Que os criem bem criados  
Como os devem de criar  
Sem ninguém os conhecer  
Nem sobre isso falar.

Eu também te comprarei  
Um fato de grande valor  
E nunca disto digas nada  
E mostra-lhe muito amor.

CRIADA

Isso mesmo eu farei  
O que eu quero é ganhar...

*NOTA – Gonçalves vai pelos povos à procura de criadeiras para os meninos e diz:*

Vou-me por esses povos  
Sem tornar mais a falar<sup>11</sup>.

*NOTA – D. Sancha sai com o menino do seu quarto e diz o seguinte, supondo que a criada se tivesse encontrado com o seu esposo:*

D. SANCHA  
Meu coração treme senhores  
Estou mesmo a desconfiar  
Que a criada encontrou  
A quem andava a caçar.

Cala menino querido  
Eu me quero recrear  
Com a tua *formusura*  
Que a todos faz cismar.

*NOTA – Do monte sai a criada que se dirige ao quarto de D. Sancha e diz a criada o seguinte:*

CRIADA

Já cheguei, valha-me Deus,  
Que cansadinha me vejo  
Venha o fato minha ama  
Que cumpri o seu desejo.

D. SANCHA

O que prometo cumprirei  
Sem nenhuma dilação  
Olha que tremendo está  
O meu pobre coração  
E Gonçalves não te viu?

CRIADA

Não vi Gonçalves nem outra gente  
Nem me dei a conhecer  
Esteja pois tranquila,  
Cale-se já ó mulher.

*NOTA – Gonçalo<sup>12</sup> chega da caça e de ter entregado os filhos às criadeiras, sem dar a conhecer à sua mulher o facto que se passou com os meninos, e entrega dos mesmos às criadeiras. Fala D. Sancha para o marido:*

D. SANCHA

Homem, deixa teus prazeres  
E cumpre minha vontade  
E não queiras andar à caça  
Que me fazes uma maldade.

Aqui tens o teu filho querido  
Que tanto tu desejavas  
Ama agora a mulher  
Que tanto a desprezaras.

*NOTA – D. Sancha entrega o menino ao pai e diz Gonçalo depois de o ter beijado:*

GONÇALO

Vem cá filho dos meus olhos  
Eu te quero conhecer  
Fruto das minha estranhas  
Que me entrega esta mulher.

Oh saudosa formosura  
Filho do meu coração

---

<sup>11</sup> Na versão de A.A. segue-se o diálogo de Gonçalves com as seis amas a quem são entregues os infantes. Na nossa versão estas personagens não estão presentes.

---

<sup>12</sup> O mesmo que “Gonçalves”.

Um beijinho eu te darei  
Depois da minha *benção*  
Pega nele ó minha Sancha  
Com muitíssima afeição.

*NOTA – Gonçalo entrega o menino a Sancha e recolhem-se para o seu aposento. Toca a música. O Rei Velasques, D. Alambra e o Conde falam no trono e diz Velasques:*

REI VELASQUES  
No meio da Lusitânia  
Gran terra de *Portu-Cales*  
Se acham homens honrados  
Como nossas *magestades*.

Está Gonçalo de Lara  
A quem quero reconhecer  
É o Conde de Castela  
E tem mui grande poder.

E o nomeio mesmo daqui  
Agora meu conselheiro  
Venha logo à minha corte  
A tomar posse primeiro.

CONDE  
Sua digna *magestade*  
Bem pensado o terá  
É a gente mais honrada  
Que na Lusitânia há.

D. ALAMBRA  
De nossa família é  
D. Sancha gloriosa  
E Fernão de Castela  
De quem ela é esposa.

Por isso toda a família  
Com os filhos deve vir  
Para no meu casamento  
Tudo pode assistir  
Tudo se *adivertir*.

Chegara meu senhor  
*Demostro* minha tenção  
Quero dar liberdade  
A meu claro coração

Com D. Elvira sua sobrinha  
Me queria eu casar

Pois sem *duvida* nenhuma  
Ela bem me sabe amar.

E senhor nunca serei  
Digno de *repreensão*  
Por mostrar perante vós  
Quanto sente meu coração.

REI VELASQUES  
Minha sobrinha o dirá  
Se contigo *quere* casar  
Não duvides da licença  
Por muito honrada ficar.

ELVIRA  
Meu tio, ouve real senhor  
Se é essa a nossa vontade  
Quero cumprir a tenção  
De sua digna *magestade*.

O CONDE  
Muito reconhecido fico  
Meu senhor bem determinar  
Os meus profundos amores  
Que souberam alcançar.

As graças de D. Elvira  
E de seu tio o poder  
Muito feliz eu serei  
Para receber a mulher.

*NOTA – Recolhem ao trono e Gonçalves vai aos povos visitar os seus meninos.*

GONÇALVES  
Agora vou visitar  
Os meus filhos tão amados  
Quero ver essas mulheres  
Se os *tem* bem criados.

*NOTA – Gonçalo aqui vem ele de visitar os meninos e fala Gonçalves:*

GONÇALVES  
Já visitei os meninos  
Com segredo viverei  
A minha amada senhora  
Eu logo os amostrarei.

NOTA – *Sai Cuchorum*<sup>13</sup> para o tablado que é moço de Gonçalo e diz:

CUCHURUM  
O diabo dessa criada  
Nem sequer a posso ver  
Me manda a fazer as coisas  
Muito depressa a correr.

Agora mandou-me estar  
À espera de que chegara  
O meu amo e Senhor  
E alguma coisa me dirá.

Não sei o que pode ser  
Eu não sei o que será  
Anda chio, chio, chio chio  
Ninguém adivinhará?...

Cá vem a moça, renego  
Senhores, não a posso olhar  
Se põe diante de mim  
Para logo me mandar!...

NOTA – *A criada sai para o tablado e fala para o Cucharum*

CRIADA  
Homem, *tires diante*<sup>14</sup>,  
Nem sequer o posso ver...

CUCHURUM  
Pois eu até, cautelinha!...  
O diabo da mulher  
Nove anos vão frequentando  
Nesta casa sem cessar.

E eu que nada te custa  
Me fazes a mim dançar  
Olha que te vou a bater  
Não me tornes a ralar!...

CRIADA  
Eu me farei tua amiga  
E muito eu quererei

Se me fazes o que te mando  
Se não te despedirei.

CUCHURUM  
O que digo é o que falo  
De casa eu me sairei  
Mas sem darem pela conta  
Tua pele levarei.

NOTA – *Fala Gonçalves fora do palácio e diz para os seis servidores que vão buscar os filhos:*

GONÇALVES  
Meus humildes servidores  
Criados tão respeitados  
Que me fareis quanto mando  
Cumprindo-me os agrados.

Agora ireis correndo  
Os povos que eu vos mandar  
E me trareis os meninos  
Que tenho lá a criar.

Trazeis-me um menino  
Que em cada povo tenho  
Olhando bem para eles vedes  
O meu desejo.

A mim mos entregareis  
Sem a ninguém falar nada  
Juntos todos no salão  
Só de minha mulher amada.

E quando estarem  
Me dareis um *signal*  
Quero eu que reconheço  
Minha mulher o seu mal.

*Mistres*<sup>15</sup> eu vou arranjar  
Um distinto professor  
Que ensine bem os meus filho  
Todos juntos com amor.

CUCHURUM  
Vamos correndo contentes  
E não *des* uma falinha  
Anda que nesta jornada  
Já te farei ser *mancinha!*

---

<sup>13</sup> Este nome aparece escrito de várias formas: Cuchurum, Cucharum, Cuchurrum... (em A.A: lê-se Cucharrão). Como a sua compreensão não oferece dúvidas optámos por não uniformizar, mantendo as diferentes grafias.

<sup>14</sup> Por “tire-se diante”.

---

<sup>15</sup> Tratar-se-á de palavra castelhana “mientras” que o “tradutor” não entendeu? Na versão de A.A. lê-se “Enquanto vou procurar”.

NOTA – *Cuchurum e a criada vão de povo em povo para trazer os meninos e Gonçalves volta a falar:*

GONÇALVES

Agora se vai a ver boa sorte  
A desgraçados  
Pela ordem da mulher  
Todos seriam afogados.

NOTA – *D. Sancha fala fora do Palácio e diz para Gonçalo:*

D. SANCHA

Meu amado, teus amores  
Me fazem desconfiar  
Mistério oculto conheço  
Que trazes sem olvidar.

GONÇALVES

O que falas saberás  
Sem tardança nem temor  
Olha agora no teu quarto  
Teu filhinho com amor.

Tira-o de entre os outros  
Que o estão a acompanhar  
Reconhece bem qual é  
Não temendo nenhum mal.

NOTA – *D. Sancha vai ao quarto dela e descobre os meninos todos que estão deitados na cama de D. Sancha e logo que viu os sete infantes juntos no chão cai e logo Gonçalo a levanta e diz D. Sancha:*

D. SANCHA

O segredo descoberto  
Pelo homem meu senhor  
De esposo se *tornara*  
Agora meu vingador.

Perdoai-me meus filhinhos  
Pois que muito envergonhada  
*Quiz* tirar as vossas vidas  
Por conduto da criada.

Filhos do meu coração  
Filhos que sois tão queridos  
Não vos criei uns aos outros

Pois me tirais os sentidos.

Perdoai-me meus amados  
Perdoai-me meu amor  
Já me vês arrependida  
Com uma sincera dor.

Oh! meu homem eu serei  
Tua escrava sem cessar  
Este erro, horrível crime  
Não pararei de chorar.

Perdão meu rico esposo  
Perdoai-me também meninos  
Que do dia de hoje em diante  
Vos amarei meus filhinhos.

Perdão meu rico esposo  
Perdoai-me também meus filhos  
Eu prometo *hora avante*<sup>16</sup>  
Ter por vós muitos carinhos.

Cumpro minha obrigação  
Vos tenho reconhecido  
Em pensar na minha acção  
Se me tira o sentido.

Olhai para esta desgraçada  
Oh mães que me escutais  
Ao ver-me tão desventurada  
Como todas não chorais.

Considerando que fui sempre  
Uma mulher tão amada  
Agora pelo meu homem  
Serei a mais desgraçada.

Eu aqui me reconheço  
Que cometi grande pecado  
Pois que mandei afogar  
O meu fruto delicado.

Crime horrendo cometi  
Homicida sou chamada  
Contra estes seis meninos  
Mulher *desevergonhada*.

Onde irei eu a morrer  
Onde irei eu má mulher  
Pelo mundo sou chamada

---

<sup>16</sup> Por “doravante”.

A mulher mais desgraçada.

Olhos tristes bem chorai  
*Êste* tão grande pecado  
Eu peço de coração  
Que me seja perdoado.

Queridos filhos bem criados  
Vossa mãe queria afogar  
Oh! Como meu esposo amado  
Soube mui bem libertar.

Aqui pois vos reconheço  
Meus olhos cessai de chorar  
Todos meus cinco sentidos  
Mágoa, dor querem tirar.

Aqui pois vos reconheço  
Não me façais mais chorar  
Todos meus cinco sentidos  
Já me querem tirar.

Meninos do coração  
No meu corpo gerados  
Como vos olham meus olhos  
A todos tão bem criados.

E como tão padecidos  
A vosso pai *emitais*  
E sem mais vos ter visto  
Todos juntos vos amais.

Aqui agora os fado eu  
Os meus filhos tão queridos  
Pela ordem do meu Deus  
Dum parto *fosteis* nascidos.

Eu que me envergonhei  
Para a todos criar  
Por *contudo*<sup>17</sup> da criada  
Vos mandei afogar.

A vosso *pae* deveis  
Vossa vida tão amada  
Mas espero em nosso Deus  
Serei logo perdoada.

GONÇALVES  
Não choreis minha mulher

Que eu te consolarei  
Como sempre até à morte  
Minha esposa te amarei.

Em mim nunca desconfies  
Eu te saberei amar  
Que foi por seus ó mulher  
Nosso *fructo* resgatar.

D. SANCHA  
Em verdade foi por Deus  
Meu esposo tão amado  
Por minha língua será  
O meu Deus sempre louvado.

Agora bem o conheço  
Que fazia muito mal  
Este *fructo* delicado  
Por mim mandar afogar.

Mulheres que criais filhos  
Para aqui podeis olhar  
Nunca façais o que eu fiz  
O meu sangue desprezar.

Chorai todas como eu  
O meu pecado chorar  
De maneira que o meu Deus  
Me saiba bem perdoar.

Gonçalves eu te amarei  
Pois é minha obrigação  
Desde que meu pai querido  
Me *votou* sua *benção*.

E não queiras separar  
Meus filhinhos do meu lado  
Eu a todos criarei  
Assim é o meu agrado.

Chorando sempre andarei  
Meu pecado bem penar  
Agora sem dilação  
Me vou logo a confessar.

Por isso peço perdão  
Publicamente direi  
Confessando este pecado  
Com meus olhos chorarei.

GONÇALVES

---

<sup>17</sup> Por “conduto”?



Vou saber minha mulher  
Que eu jamais fui vingador  
Eu te quero perdoar  
Que te tenho muito amor.

Mulher ama meus filhos  
Como o teu coração  
Não chores mais o teu erro  
Lá te vai minha *benção*.

E a vós meninos queridos  
Vossa *mai* respeitai  
Sede pessoas virtuosas  
A esta mulher amai.

Que é quem vos comoveu  
E no seu formoso ventre  
Vos trouxe nove meses  
Sem saber se era gente.

Pois eu vos vou oferecer  
Um mestre que vos ensine  
A manejar bem as armas  
E em tudo vos cultive.

*NOTA – Gonçalo, Sancha e filhos recolhem-se para dentro do palácio; do trono falam o Rei Velasques, D. Alambra e o Conde.*

REI VELASQUES  
De necessidade é  
Nossas bodas convocar  
Nossas cortes convoquemos  
Para melhor festejar.

E nossos parentes venham  
Para festejos fazer  
Venha Gonçalves e Infantes  
Pois os quero conhecer.

D. ALAMBRA  
Por notícias que nós temos  
São bizarros cavaleiros  
Entre todos temidos  
São os mais fortes guerreiros.

Não é para os elogiar  
Dizem que são bem criados  
Mas esses mancebos serão  
Uns generosos soldados.

CONDE  
Já mandei um *belbetim*  
Aqui correndo virão  
Os infantes de Lara  
E seu pai Conde Fernão.

REI VELASQUES  
E se necessário for  
Mandarei um mensageiro  
Venha meu primo Gonçalves  
Quero que seja o primeiro.

*NOTA – Cucharum a cavalo num burro “asseado”<sup>18</sup> com certos engenbos, palha, rodolos, fitas etc. vai buscar o Rei Belasco, fazendo gestos ao corpo muito engraçados.*

CUCHARUM  
Vou buscando o Rei Velasques  
Mais com sua Belascada  
Tenho medo que me convide  
Ou me dê uma pancada.

Senhor Belasco no trono  
Aqui está este camarada  
Aqui trago uma ração que  
Não presta para nada.

REI VELASQUES  
Quem meu nome anda a pregar?

CUCHARUM  
Eu sou o seu servidor  
Tem mais algo que falar?...

REI VELASQUES  
Fale vossa Senhoria  
Se não vai já para a cadeia.

CUCHARUM  
Se prendem o Cucharum  
Será uma coisa mui feia!...  
Trago aqui este pergaminho  
D. Gonçalves me mandou  
Entregar a Vossa Alteza  
A mim nada me custou!...

REI VELASQUES  
Venha logo incontinente<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Por “arreado”.

<sup>19</sup> Na versão de A.A. lê-se “em continente”.

Pois eu quero conhecer  
Os seus filhos, bem contente  
Os tenho de receber.

#### CUCHARUM

Pois correndo eu me irei  
No meu burrinho montado  
A dizer-lhe venham todos  
Que é gente de muito agrado.

Vou-me que não venha por lá  
E me ponham tosquiado!...

*NOTA – Cucharum, depois de ter falado com o Rei “Belasques”, deita a correr pelo tablado e vai para casa.*

#### D. ALAMBRA

Esse homem que se foi  
Engraçado deve ser  
Tenho imensa vontade  
De o tornar a ver.

#### REI BELASQUES

Com esse acompanhamento  
E meu conselho tomado  
Será o melhor banquete  
Que até agora se tem dado.

#### CONDE

Pois eu me vou arranjar  
Para melhor parecer  
Quero receber a mão  
Desta formosa mulher.

*NOTA – Cobrem-se todos no trono, recolhem-se para dentro. Sai D. Gonçalo e seus filhos, os sete Infantes muito bem arranjados e Gonçalo fala para os filhos dizendo que vão acompanhar o Rei Velasco.*

#### GONÇALVES

Meus filhos acompanhai  
Vosso pai tão honrado  
Vereis neste instantinho  
Coizinhbas de muito agrado.

A vós com grande cautela  
Vos tenho bem educado  
Para saber defender  
O nosso grande reinado.

Oh! Formosa geração  
Como Deus me soube dar  
Por conduto da mulher  
Para me eu recrear.

Oh! Mães de tais filhos  
Pois Deus vos tem de pagar  
Todo o bem que me *fizesteis*  
Sem eu nada duvidar.

Veias que em mim me ocultam  
Este são coração  
Como vós sabeis tendes  
Pela minha geração.

Pois Deus nosso Senhor  
Me quis a mim convidar  
Com estas sete crianças  
Que me sabem respeitar.

O dia que fui á caça  
Como havia de pensar  
Que a vida a estes rapazes  
Eu saí a resgatar.

Encontrei-me com a criada  
Que a todos ia a afogar  
Com minha sagacidade  
A todos mandei criar.

Segredo grande e temível  
Que jamais foi descoberto  
Pois Deus dos Céus e terra  
Me guiou com tal acerto.

Até que vendo *criados*  
As rosas do meu jardim  
As juntei para dar campanha  
Até que me chegou o fim.

De sangue real sempre foi  
Nossa amada descendência  
Por isso vos mando armar  
A todos com grande prudência.

E nas nossas mesmas casas  
*Estam* as armas do rei  
Bem fixadas nas fronteiras  
Respeitemos sua lei.

Agora vamos a ir  
A Velasco acompanhar  
E a sua esposa D. Alambra,  
Que já se quer casar.

*NOTA – Vai falar o primeiro dos Infantes que diz o seguinte:*

1º INFANTE

Meu pai aqui nos tem  
A todos muito bem criados  
Com muito boa vontade  
Cumprimos seus agrados.

2º INFANTE

Eu *intendo* muito bem  
Que a nossa geração  
Está muito adiantada  
Nesta pequena Nação.

3º INFANTE

E o nosso professor  
Muito nos tem ensinado  
A pelear com lança, espada  
Que é muito do seu agrado.

4º INFANTE

Juremos perante o monarca  
Suas bandeiras defender  
Com as armas na mão  
Pela sua lei morrer.

5º INFANTE

Juremos diante de todos  
Nossa bandeira<sup>20</sup> guardar  
E nos campos de batalha  
Bem saberemos pelear.

6º INFANTE

Pois o nosso querido mestre  
E o que ensinou melhor  
Foi a lutar contra os mouros  
Soldados de Almançor.

7º INFANTE

Em nada nós temeremos  
Os *turquos* desta nação  
Tratemos de os matar  
Que nos fazem muita traição.

GONÇALVES

Meus filhos falando eu  
Com Velasco cara a cara  
Então determinaremos  
Empreender essa jornada.

De grande necessidade é  
Esses *árabes* matar  
Deixar livre a nação  
Para o nosso bem estar.

O coração ofereçamos  
Nossa sangue<sup>21</sup> derramemos  
A Velasques nosso Rei  
Nós todos obedeceremos.

*NOTA – Gonçalo e seus sete filhos vão ter com o rei Velasco, fazem todos a respectiva “avénia” e “falão” Rei Velasques para Gonçalves:*

REI VELASCO

O sangue tão destemido  
Que me vens oferecer  
E teu valor arrogante  
Mostras de muito poder.

Moços bizarros, valentes  
Que com vossa galhardia  
Honrais a nossa Nação  
Neste *magestoso* dia.

Meu Gonçalves, agradeço  
Dos teus filho a presença  
Pois vejo diante de mim  
Com verdadeira prudência.

Agora com sumo gosto  
As bodas vem celebrar  
Destes infantes queridos  
Que hoje se vão casar.

ELVIRA

Diogo, eu vos adoro

---

<sup>20</sup> A forma que nos aparece no texto, embora de difícil leitura em virtude de letras sobrepostas, é “bonteira” ou “benteira”. Contudo, como esta forma é inexistente, optámos por “corrigi-la” para “bandeira”, que nos parece ser a mais adequada. Assim nos aparece também em A.A.

---

<sup>21</sup> Em mirandês, tal como em castelhano, o substantivo “sangue” é feminino.

Do fundo do coração  
Tenho no peito por vós  
A mais ardente paixão.

E se minha branca mão  
Não estivesse já pedida  
Então Diogo Gonçalves  
Minha alma e minha vida  
Eu te daria pois estou  
Por ti de amor perdida.

CONDE  
Como me possa vingar  
Sua morte lhe darei  
Sem medo nem vergonha  
E sem nada reparar.

REI VELASQUES  
Entremos que os camaristas  
Todos se vão arranjar.

*NOTA – Velasco, Elvira e Conde se cobrem no palácio, baixa o pano e ficam dentro da torre. Sai fora a criada e o Cucharum que falam no tablado.*

CUCHARUM  
Nas bodas do Rei *estam*  
Os meus amos bem queridos  
Nos moços não pensam eles  
Nos têm muito esquecidos!...

Rapariga ouve aqui  
Agora sem mais tardar  
De galinhas e bom presunto  
Arranjemos o jantar!...

Pois assim nos mandou  
Nossa ama Ricardina  
Olha se o fazes por bem  
Que tu és muito fina!

Pois arranja lá o fogão  
E faze-me bem a fogueira  
Que eu vou a buscar vinho  
Traze-me cá a monteiral!...

CRIADA  
Se tu o vinho esqueceras  
E souberas bem falar  
Então boa raparia

Eu te havia de arranjar;  
Mas assim camarada  
Tu que és tão borrachão!!

CUCHARUM  
Por isso me chamam todos  
O diabo do Cucharum!!...

CRIADA  
Pois bem, se palavra dás  
Muito aqui de *mancinho*  
Conta já com a mulher  
Mas não deves beber vinho!...

CUCHARUM  
E quem te quer a ti diabo!...  
Eu não me quero casar  
Ainda não és minha  
E sempre me andas a ralar!...

O que quero é passar o tempo  
Como moço de servir  
Encher muito a barriguinha  
E depois deitar-me a dormir!...

CRIADA  
Estaremos assim juntos  
Na formosa juventude  
Depois de velhos casamos  
Para que Deus nos dê saúde.

*NOTA – Cucharum e a criada comem no tablado alguma coisa, toca a música, os dois vão-se embora muito contentes. No trono descobrem-se [...] Rei. Aqui combinam a traição ou nasce a traição da Velasco. Velasque, D. Alambra, Conde e Soldados. Gonçalves e os Infantes vão-se para sua casa e fala D. Alambra.*

D. ALAMBRA  
Forte *ultrage* me fizeram  
Em as bodas meus senhores  
Agora quero que sejam  
Sem cessar meus vingadores.

Estando todos sentados  
Junto à mesa a jantar  
Um filho dos de Gonçalves  
Começou-me a namorar.

Eu muito *enauseada*  
Para não lhe contestar  
Como devia fazer princesas  
Logo o mandei calar

Depois para<sup>22</sup> mangação  
Com a esponja me atirou  
Como se fossa carvão  
A minha cara pintou.

Fiquei muito envergonhada  
De me não poder vingar  
E Gonçalves se ria  
Para ele mais mangar.

Agora esposo Velasques  
Nós teremos de arranjar  
Maneira sem *dilacção*  
Para a Gonçalves matar.

E a seus filhos em cadeias  
Logo temos de deixar  
Mentes<sup>23</sup> se não faça isso  
Não pararei de chorar.

CONDE

Vingança, meu rei, vingança  
Vingança sem *dilacção*  
*Morrar*<sup>24</sup> logo essa danado  
Numa obscura prisão.

REI VELASQUES

Pensem bem a maneira  
Das coisas se arranjar  
Pois Gonçalves e seus filhos  
Não são bons de matar.

Se a eles desafiarmos  
Segundo são de esforçados  
Morrerão sem duvidar  
Todos os nossos soldados.

Mas já arranjei modo<sup>25</sup>

De nos bem saber vingar  
Ao rei mouro com embaixada  
Logo saberei mandar.

E pelos seus soldados  
Ordem de prisão lhe dará  
E na cadeia algemado  
A morte ali receberá.

D. ALAMBRA

Bem determinado está  
Mas seus filhos vingarão  
A traição de seu pai  
Guerra logo nos farão.

REI VELASQUES

Aos seus filhos mandarei  
Sem nenhuma *dilacção*  
A que tirem a seu pai  
Daquela obscura prisão.

E depois de cercados todos  
Dos mouros e dos cristãos  
Morrerão imediatamente  
Nas nossas formosas mãos.

CONDE

Muito bem determinado  
Está rei desta Nação  
Se colhermos os mancebos  
Satisfeito será mau coração.

Tão sumamente vingado  
E com tanta *fantazja*  
Que chegarei a dizer  
Triunfo na noite e dia.

D. ALAMBRA

Isso é o que eu quero  
Por me não ver *enjuriada*  
Chamemos a D. Gonçalves  
Não é sabedor de nada.

NOTA – O conde vai chamar Gonçalves.

CONDE

D. Gonçalves meu parente  
Venha que o chama o rei.

NOTA – O Conde chama Gonçalo:

---

<sup>22</sup> No texto lê-se “apara”.

<sup>23</sup> Esta antiga conjunção é ainda forma corrente na linguagem popular desta região.

<sup>24</sup> Na versão de A.A. estes dois versos aparecem assim: “Morra este traidor / E toda a sua geração”.

<sup>25</sup> A expressão “arranjar modo” é muito comum em mirandês e na Terra de Miranda significando “arranjar tempo” ou “encontrar maneira”. Em A.A. lê-se: “Mas já o modo arranjer”.

CONDE  
Gonçalves Fernão de Lara  
Eu vos venho convocar  
Por ordem da Rei Velasco  
Que deseja connosco falar.

D. GONÇALVES  
Cá estou muito obediente  
Ao senhor e sua Grei.

REI VELASQUES  
Correndo se partirá  
A *cordova*<sup>26</sup> com embaixada  
A falar com esse rei mouro  
Almançor e sua armada.

Para que deixe as terras  
E sem dilação de nada  
Se as não deixar por bem  
Será à força da espada.

D. GONÇALVES  
Pois me vou a despedir  
Dos meus filhos tão queridos  
Que se os não torno a ver  
Eu ficarei sem sentidos.

*NOTA – Conde fala para Gonçalves.*

CONDE  
Num escrito levará  
A nossa forte embaixada  
Bem cerradinho irá  
E o senhor não falará.

D<sup>a</sup>. ALAMBRA  
Meu esposo e senhor  
Correndo se partirá  
E se me professa amor  
Bem despedido dirá.

*NOTA – Gonçalo leva a embaixada ao Rei  
Almançor.*

D. GONÇALVES  
Os meus filhos ficarão cá  
Servindo a sua *magestade*  
Até que eu torne a ver  
A sua grande dignidade.

Adeus corte de Castela  
Com Deus gente real  
Já não tornarei a ver  
Luzitânia ou Portugal.

*NOTA – No trono do Rei Almançor se apresenta  
conselheiro e Capitão mouro e fala o Rei Almançor  
que diz:*

REI ALMANÇOR  
*Bontade* tenho senhores  
De me encontrar com os Laras  
Na peleja sem temor  
Ou nas bélicas<sup>27</sup> batalhas.

Pois é gente destemida  
Que com o seu grande valor  
Metem medo a todo o mundo  
Não acham um vencedor.

CONSELHEIRO DO REI ALMANÇOR  
Nossa vontade Senhor  
A todas as horas do dia  
É pelejar os Laras  
Isso é o que eu queria.

CAPTÃO MOURO  
Cá vem com embaixada  
Homem de grande poder  
Um guerreiro muito forte  
Me lembro de o conhecer.

*NOTA – Gonçalves se apresenta ao Almançor e  
fala Gonçalves a cavalo, depois de Gonçalo falar o  
rei manda subir Gonçalves para o palácio.*

GONÇALVES  
Mouro altivo e valoroso  
Como raio do céu desatado  
Aqui venho com embaixada  
Como um *umilde* soldado.

Este escrito me entregou  
Rei Velasco teu amigo  
Para que o senhor o leia  
Antes de falar comigo.

---

<sup>26</sup> “Córdova”.

---

<sup>27</sup> Na nossa versão esta forma encontra-se grafada com maiúsculas e sem acentuação.

*NOTA – Gonçalves entrega o escrito ao Rei Almançor que o lê “de ber” com muita atenção na presença de Gonçalves e diz o seguinte:*

REI ALMANÇOR

Oh que contente me vejo  
Que convite tão sagrado  
Pois está diante dos meus olhos  
O mais valente soldado.

Fernão Gonçalves de Lara  
Me alegro de o conhecer  
Criado na Luzitânia  
Terras de muito poder.

Cá temos o teu recreio  
Para te bem arranjar  
O que manda o Rei Velasco  
Fazemos para lhe agradar.

Algemado e conduzido  
A essa cadeia irá  
E depois por minha mão  
A morte receberá.

Assim o tenho pensado  
E me o mandou fazer  
O rei Velasco meu amigo  
Que tenho de obedecer.

*NOTA – O Rei Almançor manda conduzir Gonçalves à cadeia pelo seu capitão mouro e continua o Rei a falar:*

REI ALMANÇOR

Oh! embaixada brilhante  
Pois me mandam enforcar  
Ao próprio embaixador  
Sem sequer ouvir falar.

*NOTA – A filha do Almançor pede ao pai para ir a cadeia conhecer Gonçalo e diz a Princesa:*

PRINCEZA MOURA

Meu pai por compaixão  
Quero agora conhecer  
Esse homem que na prisão  
Pouco está a padecer.

Pois eu gosto de beber  
Esse sangue de cristãos

*Quero o fazer padecer  
Pelas minhas formosas mãos.*

Eu o farei renegar  
A fé do *Agnos dei*  
E com sua própria língua  
A nossa lei pregarei.

CONSELHEIRO

O recreio á sua filha  
Não se lhe deve tirar  
Não mateis esse cristão  
Sem lhe fazer renegar.

REI ALMANÇOR

Filha do meu coração  
Tens licença concedida  
Tens para lhe tirar  
A esse cristão a vida.

*NOTA – Baixa o pano, na cadeia fala triste e desconsolado Gonçalo e diz o seguinte:*

D. GONÇALVES

Meu Deus que grande traição  
Só agora a reconheço  
Nesta horrível prisão  
A todas as horas padeço.

Que mereço eu Meu Deus  
Que pecado cometi  
Para que com tal engano  
Ser conduzido eu aqui.

Velasco Rei e Almançor  
Um mouro, outro cristão  
Sem culpa nem processo  
Meteram-me na prisão.

Não me custava sofrer  
Sendo um grande traidor  
Tirai-me daqui Santo Deus  
Para que me dais tanta dor!...

Ainda não era bem  
Penar em terras cristãs  
Que fui conduzido eu  
A mouros nas suas mãos.

Santo Deus valei-me aqui  
Não me façais mais penar

Melhor quero eu morrer  
Fazei-me logo matar.

Onde estão os meus filhinhos  
Que me não *veem* a libertar  
A quem nesta obscuridade  
Está sem poder falar.

Filhos do meu coração  
Aqui vos queria eu ver  
Tirai-me desta prisão  
Não me deixeis padecer.

Onde estais filhos amados  
Onde mulher tão querida  
Tirai-me aqui estas algemas  
Resgatai-me aqui a vida.

*NOTA – Na cadeia aparece a Gonçalo a princesa moura e fala para Conçalves de Lara, diz o seguinte:*

PRINCESA MOURA  
Venho a tirar as algemas  
A este mísero cristão  
Depois lhe darei tormento  
Pela minha régia mão.

Oh! Famoso Luzitano  
Quero agora que renegues  
A lei que tu professas  
E a minha logo pregues.

Adoremos a Mafoma<sup>28</sup>  
Que é rico e *deligente*  
Não adores o teu Deus  
Que é muito indigente.

D. GONÇALVES  
Isso me faltava agora  
Para acabar de pensar  
Queria sofrer cem mortes

---

<sup>28</sup> Esta forma antiga de escrever o nome deste Profeta caiu em desuso, na língua portuguesa, pelo menos desde o [século XIX](#), passando a usar-se a palavra *Maomé* (forma aportuguesada do francês *Mahomet*). A sua utilização, neste texto, remete-nos não só para essa antiguidade, mas também para a semelhança com as outras línguas ibéricas onde ainda hoje se utiliza (castelhano, galego, catalão), assim como para o contexto de cruzada contra a religião [muçulmana](#), quando essa forma era utilizada.

Primeiro que renegar.

Minha lei que é cristã  
Santíssima na eternidade  
Que sabe premiar os justos  
É o Deus da Caridade.

A sua é um engano  
E um erro enganador  
Que condena muitas almas  
A um fogo abrasador.

Por isso olha menina  
Princesa a mais formosa  
Faz-te agora aqui cristã  
Ficarás como uma rosa.

Então receberás  
Minha alma e coração  
Consolando-me por horas  
No meio desta prisão.

PRINCESA MOURA  
Cristão, as tuas palavras  
Me fazem a mim tremer  
Não queiras colher por tua  
Esta formosa mulher.

Que tuas palavras ficam  
No centro do meu coração  
Eu serei quem te darei  
Consolo nesta prisão.

Nunca a ninguém temerás  
Serás meu amor primeiro  
Tirarei eu estas algemas  
Isso o farei primeiro.

*NOTA – A princesa tira as algemas ao Gonçalo e este diz:*

GONÇALVES  
Queira Deus que assim seja  
Se fazes o que te eu mando  
Tu recolherás o primeiro  
No paraíso entrando.

PRINCESA MOURA  
O que me mandas farei  
E com o meu coração  
Teus conselhos colherei



No meio desta prisão.

*NOTA – Aqui os sete infantes se descobrem armados e arrancam das espadas.*

1º INFANTE

Armas, meus irmãos todos  
Guerra contra esse mouro  
Pois que nos tem escondido  
O mais formoso tesouro.

Iremos contra ele  
Sem em perigo reparar  
O nosso pai soltemos  
Das cadeias de Alamar.

*Fexemos* nossas bandeiras  
Em essa mística cidade  
Entremos e ao nosso pai  
Demos logo liberdade.

Como raios desatados  
Do céu vamos pelear  
Contra esses mal criados  
Os soldados de Alamar.

Juremos pois meus irmãos  
Defender nossas bandeiras  
Pois eu sou Gonçalo Vusto  
E aqui juro defendê-la.

2º INFANTE

Eu Gonçalvico chamado  
Aqui agora jurarei  
Ir em contra esse mouro  
E sua maldita lei.

Como tigre enfurecido  
Em contra ele direi  
Ao pai com minha mão  
Logo solta lhe eu darei.

Pois menos não cumprirei  
O pai havemos soltar  
Logo incontinentemente  
Sem em perigo reparar.

Nos campos dessa cidade  
Nós teremos de morrer<sup>29</sup>

Fazendo guerras mortais  
Nunca nos acobardar.

Até que vendo já o nono  
Que nos não possa vencer  
Lhe dê solta ao nosso pai  
E não o deixe padecer.

3º INFANTE

Diogo Gonçalves eu sou  
Dos mais valentes temidos  
Mais agora nesta *impresa*  
Muito tenho padecido.

Por eu ver *apresionado*  
Quem a mim me deu o ser  
Tendo varão tão honrado  
Ver o pai a padecer.

Aqui vos juro ó irmãos  
Que meu esforço e valor  
Saberá bem pelear  
Sempre serei vencedor.

Elevemos as bandeiras  
E nesses campos bem fixar  
Para que olhem com raiva  
Os malditos de Alamar.

Eu pretendo o desafio  
Contra o mouro direi  
A meu [pai]<sup>30</sup> as algemas  
Logo as eu tirarei.

4º INFANTE

Martins Gonçalves chamado  
Pela minha *viszarria*  
Que eu me tenho criado  
Sem temor nem galhardia.

Aqui chegando a saber  
Que o meu pai está a penar  
Com minhas vontades vou  
Correndo-lhe a resgatar.

Pois [s]ou valente soldado  
Sem vergonha nem temor

---

<sup>29</sup> Na versão publicada por Azinhal Abelho lê-se: “Nós havemos de morar”.

---

<sup>30</sup> Palavra suprimida na nossa versão mas necessária para a compreensão do texto. Veja-se a versão de A.A.: “As algemas de meu pai / Por minhas mãos quebrarei”.

Contra esse mouro altivo  
Eu serei seu vencedor.

Juro em nome da fé  
Que eu tenho de cristão  
Morrerá quem o não puser na  
Minha direita mão.

Se vos juro meus irmãos  
Que eu nunca temerei  
As espadas desses soldados  
Nem a sua maldita lei.

5º INFANTE  
Gonçalves Augusto de Lara  
É quem vos está a falar  
Quem vos acompanhará  
Sem eu nada duvidar.

Pois me criei entre serras  
Da província de Trás-os-Montes  
Onde os mouros malditos  
Tinham antes os seus fortes.

E nunca soube temer  
Nem a homens nem a ferro  
Dos que se acham a morar  
Em baixo dos *estelos*<sup>31</sup>.

E se antes não temi  
Como vos tenho falado  
Menos temerei agora  
Por serem de mais agrado.

Se cem vidas eu tivesse  
Todas as tinha de dar  
Só pelo amor dum pai  
A quem quero resgatar.

6º INFANTE  
Ricardinho sou irmão  
De estes infantes queridos  
Olhai oh irmãos da alma  
Diremos com os sentidos.

O Conde de Aro chamem  
Para nos acompanhar  
O homem da D. Elvira  
Que muito nos sabe amar.

E com sua direcção  
As armas bem manejar  
Olhai que são muito finos  
Os soldados de Alamar.

Por isso irmão querido  
Meu bom Pepinho Gonçalves  
Vai falar ao Rei Velasco  
Dizendo logo que sabes.

E a tua detenção  
Não nos façás padecer  
Libertando nosso pai  
E não o deixar morrer.

*NOTA – O 7º Infante vai a estar com o Rei  
Velasco e fala.*

7º INFANTE  
Meu tio Rei e Senhor  
Pepinho Gonçalves sou  
Que sabeis com frequência  
Até agora vos amou.

Eu aqui venho pedir  
Em nome de meus irmãos  
Que ponhais logo a meu pai  
Nas nossas humildes mãos.

Pois está sempre penando  
Na cadeia a padecer  
Colhido nas mãos do mouro  
O que tem tanto poder.

Nos falam que foi oculta  
Por vós feita uma traição  
E o que queremos saber  
Entrando em sua Nação.

Armados estamos já  
Pela ordem esperando  
Um chefe da sua armada  
Para nos ir comandando.

REI VELASCO  
Eu com gosto mandarei  
Minhas tropas arranjar  
Ao Conde de Aro mandar  
Para vos acompanhar.

---

<sup>31</sup> Por “estrelas”? O segundo verso desta estrofe, em A.A. lê-se assim: “Nem os homens nem as feras”.

E nunca observeis traição  
Na minha grão fidalguia  
Quero colher vosso pai  
Na minha companhia.

Por isso vai-te sobrinho  
Juntar-te com teus manos  
Que lá vai o Conde e tropas  
Contra esses africanos.

*NOTA – O 7º Infante vai-se embora, despede-se de seu tio Rei Velasco e vai juntar-se aos irmãos. Faz a devida vénia ao Rei.*

CONDE  
Ó que contente me vejo  
Por findar esta traição  
A todos vos picaremos  
Sem medo seu coração.

REI VELASCO  
Vá-se com tropas que sou  
O traidor contra o meu sangue  
Não duvido tudo isso  
Que algum dia se me pagara.

*NOTA – Aqui o Conde e soldados se juntam aos Infantes; se dirigem ao Rei Almançor e nesta altura vai a Moura à cadeia falar com Gonçalves.*

PRINCESA MOURA  
Cristão muito querido  
Pela tua religião  
Em ti tenho eu fixado  
Meu humilde coração.

Agora quero gozar-te  
E isso chega o meu amor  
Gonçalves nunca te esqueças  
Adora-me com fervor.

GONÇALVES  
As horas do meu recreio  
Tu me as dás ó mulher  
A ti agradeço eu  
Não me deixes padecer.

MOURA  
Eu cristã quero ser  
A ti quero imitar  
Com a água do baptismo

Minha alma hei-de lavar.

*NOTA – Vai o primeiro Anjo à cadeia falar com Gonçalves.*

1º ANJO DO CÉU  
Aqui venho por mandado  
Do nosso Deus celestial  
A consolar-te Gonçalves  
Como nuncio<sup>32</sup> real.

Venho a pedir-te o favor  
De falar com a mulher  
Moura que tanto te ama  
Pois se quer arrepender.

Olha Gonçalves por ela  
Para sua alma resgatar  
Dessa tirana lei  
A religião de Alamar.

Pois por amor de nós  
Deus fez seu filho baixar  
A este mundo impuro  
Para de *Satan* nos livrar.

Gonçalves tem paciência  
É Deus que ta recomenda  
Olha bem pela tua alma  
Essa é a melhor prenda.

Se queres recebe aqui  
Agora minha razão  
Ama a Deus do alto céu  
Com o teu bom coração.

E não te esqueças que Cristo  
Muito por nós padeceu  
Quando te venham trabalhos  
Põe os teus olhos no céu.

Que com muita vontade  
Ele te receberá  
E tua alma na Glória  
Coroadá se verá.

Branca-Luna ama Gonçalves  
Com o teu bom coração

---

<sup>32</sup> Na nossa versão esta forma aparece grafada como “unucio”, tendo também um acento agudo sobre o “n”.

Que nosso Senhor do Céu  
Te dará sua *benção*.

*NOTA – Cobrem-se todos na cadeia; no palácio  
do Rei Velasco fala o capitão General:*

CAPITÃO GENERAL

Meu senhor e muito honrado  
Cavaleiro tão leal  
Nunca eu vos conheci  
Até agora fazer mal.

Mas em vista da traição  
Que aos sobrinhos tem armado  
Aqui me venho oferecer  
Como valente soldado.

Diante de todos irei  
Muito bem a comandar  
A esses sete rapazes  
A morte lhe saberei dar.

*Até a veiga de porbes<sup>33</sup>*  
Eu os acompanharei  
E sem darem pela conta  
A morte a todos darei.

Que sou Capitão General  
Contra mouros esforçados  
Pois pelos muitos *pelejos*  
Tenho eu este trançado.

Bem o sabe meu Senhor  
A sua senhoria real  
Que nos torneios passados  
Me viram bem pelejar.

E quando os sete infantes  
Ao seu amigo mataram  
Já ia eu contra eles  
Mas por bem não me deixaram.

Conde Fernandes Garcia  
Que a Gonçalves acompanhou  
Foi quem se pôs diante de mim

Pelejar não me deixou.

E fiquei sempre danado  
Contra esses cavaleiros  
Que como meus sobrinhos  
A ferir foram primeiro.

Rei Velasques não te rendo<sup>34</sup>  
De ninguém já temido  
Pois juro em nome da fé  
Serei o mais atrevido.

Já quando Fernão Gonçalves  
Numa prisão encerrou  
Por ser conduto seguro  
A mim mo entregou.

Eu depois bem algemado  
À cadeia o levei  
Da qual ele se escapou  
Não respeitando a lei

Ninguém soube onde estava  
E D. Sancha levou  
Sem licença de ninguém  
Com ela logo casou.

REI VELASQUES  
Tudo pagará agora  
Vai pois a comandar  
Os soldados que já esperam  
Para ir a batalhar.

*NOTA – O Capitão General sai fora e vai falar  
com os soldados.*

CAPITÃO GENERAL  
Meus soldados valorosos  
Se ponham em formação  
Que vamos a pelejar  
A picar o coração.

A flor da juventude  
Mais honrada e mais leal  
Que há na nossa nação

---

<sup>33</sup> Tratar-se-á de um topónimo espanhol, uma vez que a palavra é comum ao castelhano na forma *veja* (lat. \*vaica, parte de terra baixa, chã e fértil), ou português, possivelmente da região de Parada? Na versão de A.A. lê-se: “Até às margens do Tibo / Eu os acompanharei”.

---

<sup>34</sup> Na nossa versão as duas primeiras letras desta palavra encontram-se sobrepostas e são de difícil leitura. Certamente que, em virtude das múltiplas cópias e versões, também estes versos ficaram sem sentido. Talvez a versão de A.A. possa ajudar à sua compreensão: “Rei Velasques, não temais / De todos serdes temido”.

Sem reconhecer o mal.

Os Sete Infantes de Lara  
Que já chegam tão armados  
Por ordem do rei Velasques  
Aqui serão esperados.

E quando [o] mouro Almançor  
Com eles queira pelejar  
Nós saibamos também  
Para a todos bem cercar.

O conde com uma esquadra  
Eu com uma companhia  
Cercaremos os infantes  
Sem nenhuma cobardia.

Depois por todos será  
Passado seu coração  
E *com nosco* findará  
A mais notável traição.

Juntos todos seguirão  
Sem perigo nem temor  
Para poder combinar  
Com esse Rei Almançor.

Que é quem consumará  
Esta tão forte traição  
Pois do Rei Velasques amado  
Já tem ele a razão.

Nunca vos acobardeis  
Eles são muito esforçados  
Nem a espadas nem a lanças  
Não *tem* medo esses soldados.

Por isso soldados todos  
Bem juntos em *pabilhão*<sup>35</sup>  
Agora bem de segredo  
Cumpram a minha razão.

Bem formados estarão  
Aqui até eu baixar  
Que me vou muito depressa  
Com Velasques conversar.

NOTA – *Forma os soldados todos e ficará à espera do seu Capitão que foi receber ordens do rei Velasques.*

1º INFANTE

Vamos, morramos juntos  
Pois que perdidos estamos  
Ante os mouros malditos  
Se rendam às nossas mãos.

Assim o terminou  
Nosso Velasques querido  
Prometendo-nos em tudo  
Ser dele favorecido.

*Falseficação* nos fez  
Pois que nos vemos cercados  
Cercados de 15 mil homens  
Nosso sangue derramemos.

Pela fé do nosso Deus  
Nós todos juntos morramos  
Pela honra do nosso pai  
Como uns fidalgos manos.

3º INFANTE

Ó meu pai tão querido  
Como agora ficarás  
Sem tornar a ver os filhos  
Bom recreio colherás.

Irmãos do coração  
Esforçados cavaleiros  
Já mataram nosso mestre  
Quem nos dava os conselhos.

Pouco valeu o ensinarmos  
As armas a manejar  
Agora mouros cristãos  
Todos nós queremos cercar.

1º INFANTE

Ó traidor mouro aleivoso  
Teu alfange *cinjirás*  
Nas cabeças dos infantes  
Tu nada repararás.

Vem rei Velasques traidor  
Pois agora nos verás  
Numa batalha sangrenta  
*Com nosco* pelejarás.

---

<sup>35</sup> Cf. castelhano *pabellón* significando um conjunto de espingardas entrelaçadas pelas baionetas e colocadas no chão apoiadas nas culatras.

D<sup>a</sup> Alambra aqui nos tem  
Que qual Viriato Guerreiro  
Sem ajuda de ninguém  
Eu pelejarei primeiro.

Pois sou dos Sete Infantes  
A cabeça principal  
Por isso eu reconheço  
Estou metido em grande mal.

Mas não deixarei contudo  
De minha espada *esgremar*  
Aqui sei muito bem  
Que agora me vou finar.

4<sup>o</sup> INFANTE  
Eu daqui desafio  
Ó rei Velasques traidor  
Não faltará quem pague  
A tua honra e valor.

Salta ao campo também tu  
O conde *agalordado*  
Já nos verá pelejar  
A todos com muito agrado.

5<sup>o</sup> INFANTE  
Sim irmãos, não temamos  
Pois que vamos a morrer  
Fiquem nossos corações  
Primeiro do que vencer.

2<sup>o</sup> INFANTE  
E todos juntos iremos  
Com nosso Deus a morar  
E todos os anjos do céu  
Nos terão de coroar.

CAPITÃO MOURO  
Já temos cá os cristãos  
Ó que contente me vejo  
Seu coração picarei  
Assim é o meu desejo.

Cristãos, vinde à batalha  
Juntos todos pelejar  
Pois que nosso rei vos manda  
Mouros, vamos a matar.

Cerquem todos correndo

Com as lanças trespassemos  
Esses corpos de cristãos  
Pelos campos deixaremos.

Eu, capitão de soldados  
Na nossa bela Nação  
Tenho agora de picar  
Contente seu coração.

Seu coração trincarei  
As batalhas que tenho dado  
Logo eu as pagarei  
Assim é o meu agrado.

Pois que sou mouro atrevido  
Uma fera me criou  
Por isso agora me vejo  
Como quem se castigou.

Como raio do céu *deixatado*  
Eu a ninguém temerei  
Sou o mais forte guerreiro  
Dos que conta nossa Grei.

Oh! Quem me dera já estar  
Entre as espadas metido  
Matando e desbaratando  
Como leão atrevido.

Para isso me eu criei  
E os galões que tenho  
Nas batalhas os ganhei  
Com áspero desenho.

Nem nunca soube temer  
Nem eu quero respeitar  
Ordens desses cristãos  
Que só sabem falar.

A Mafoma adorarei  
Ao nosso Alá subirão  
É quem sabe dar força  
À minha direita mão.

Em ele creio e espero  
Esta batalha ganhar  
Pois com o seu poder  
É que me sabe ajudar.

Por isso nunca me esqueço  
Sempre a ele pedirei

Nossa lei com nossa língua  
Sempre a ele pregaréi.

Eia soldados valentes  
As armas bem arranjar  
Os cristãos com vontade  
Já chegam a pelejar.

*NOTA – Pelejam todos em geral e fala o Conde que diz:*

CONDE  
Perdidos estais, ó infantes  
Agora como a pagar  
As festas pois a D. Alambra  
Se *quere* de seus vingar.

6º INFANTE  
Isso sabemos nós  
Não temos que ignorar  
A traição pois de meu tio  
Nos *quere* ao mouro entregar.

CONDE  
Já não vos vale o saber  
Nem tão pouco pelejar  
Não vos podeis defender  
Dos soldados de Alamar.

7º INFANTE  
Defendendo a santa fé  
Morrámos todos matando  
Esses mouros que sem medo  
Nos *veem* todos cercando.

CONDE  
Todos serão bem entregues  
A esse rei Almançor  
Cortadas vossas cabeças  
*Levarão-nas* ao Almançor.

6º INFANTE  
Forças temos já pedido  
E no-la tem negado  
Algum dia se pagará  
Este feito tão danado.

Todos vamos a morrer  
Pela fé como cristão  
Entremos já na batalha  
Contra esses *afriçãos*.

2º INFANTE  
Cercados nos tem já  
Morrámos todos matando  
Nunca vos acobardar  
Aqui nos *vem* cercando.

CONDE  
Descansem meus camaradas  
Sem nenhuma dilação  
Pois agora neste dia  
Se vai a entrar numa *ação*.

A mais terrível do mundo  
Por se não ter esquecido  
Da *dezonra* cometida  
Contra dum vil atrevido.

Peçam forças a Velasques  
Mas ele não as dará  
Não sejais ignorantes  
Ninguém nos ajudará.

*NOTA – O 3º infante sai da Batalha e a fugir no seu cavalo montado vai pedir socorro ao tio Rei Velasques e diz-lhe o seguinte:*

3º INFANTE  
Meu tio olhe o seu sangue  
Não o deixe derramar  
Se não a vida de alguns  
Ainda tem de custar.

REI VELASQUES  
Eu não me tinha esquecido  
Da *dezonra* que *fizesteis*  
À minha esposa querida  
Seu cavaleiro *matasteis*.

Agora meus sobrinhos  
Olhai se podeis livrar  
Vossas vidas de entre mãos  
Desse maldito Alamar.

Morrereis sem dilação  
Pois tenho determinado  
Entregar-vos a esses mouros  
Assim é do meu agrado.

Pois já não tendes ajuda  
Nem vos quero eu dar

O que quero e peço aqui  
Ver a todos já matar.

*NOTA – O Infante se despede triste e magoado pela má reposta que seu tio lhe deu e vai meter-se novamente na luta ou batalha e fala o 5º Infante que diz o seguinte.*

5º INFANTE

Não ganhais nada com isso  
Pois nós todos morreremos  
Pela fé de Jesus Cristo  
Todos nos encomendemos.

4º INFANTE

Desse apóstolo S. Tiago  
Devei-nos aqui livrar  
Que na Glória Divina  
Nos terá de coroar.

7º INFANTE

Irmãos como mais frágil  
E conheço, morreremos  
Por isso a Jesus Cristo  
As almas encomendemos.

6º INFANTE

Arranjemos as espadas  
Para as vidas tirar  
A esses soldados mouros  
Que nos estão a cercar.

*NOTA – Aqui fala o Capitão General do Rei Velasques e diz o seguinte:*

CAPITÃO GENERAL

Ó que contente me vejo  
Minhas tropas vou comandar  
Aos mouros muito desejo  
Os infantes entregar.

*NOTA – Estão todos armados para começar o combate ou a terrível batalha. Os infantes são cercados pelos mouros e pelos próprios cristãos que lhe são falsos. No trono do mouro falam Alamar, o Conselheiro, Capitão e soldados mouros.*

REI ALMANÇOR

Traição é de Velasco  
Seu próprio sangue *quíx* vender  
Pois mandou um *luzitano*

Para aqui a padecer.

Agora determinado  
Tem também de nos mandar  
Seu capitão e armas  
Com gente a pelejar.

*NOTA – Vêm vindo os soldados do exército cristão e infantes.*

CONSELHEIRO

Já vejo suas bandeiras  
Avermelhadas estão  
Se cumprirem o prometido  
Suas terras não *piçarão*.

CAPITÃO MOURO

Cortarei suas cabeças  
E ao nosso rei Almançor  
Logo as entregarei  
Para que vejam o meu valor.

REI ALMANÇOR

Capitão vai-te aos soldados  
Que já chega muita gente  
Sai sem dilação nenhuma  
Aos cristãos fazer frente.

*NOTA – Chega um Capitão General e soldados cristãos e pelejam muito, morrem os infantes um a um ficando os infantes todos ocultos depois saem fora o Conde e o Capitão mouro e diz o Conde.*

CONDE

Já ficou bem satisfeito  
A minha vingança feita  
Agora vou-me embora  
Arranjar uma festa.

*NOTA – Vai-se o Conde, o Capitão General depois de ter falado com o capitão mouro é que se vão embora para o seu aposento e soldados e fala agora o capitão mouro.*

CAPITÃO MOURO

Quanto eu me regalei  
Com findar esta traição  
Pois minha lança passou  
A todos seu coração.



*NOTA – O capitão mouro corta as cabeças aos infantes e faz convite com elas ao rei Almançor.*

CAPITÃO MOURO  
As cabeças dos infantes  
Agora aqui cortarei  
Ao nosso rei Almançor  
Com elas convidarei.

*NOTA – Corta as cabeças e leva-as de presente ao Rei Almançor e diz o seguinte:*

CAPITÃO MOURO  
Oh que presente tão bom  
Para hoje eu arranjei.

*NOTA – Leva as cabeças e no trono as apresenta ao Rei Almançor.*

REI ALMANÇOR  
Mil parabéns eu dou  
Aos meus soldados valentes  
E a quem os comandou  
Para matar essas gentes.

Agora meus amigos  
Para eu mais me vingar  
Quero também a Gonçalves  
Dar-lhe hoje de jantar.

Capitão a essa cadeia  
Correndo logo irás  
E dando solta a Gonçalves  
Tu aqui mo trarás.

CAPITÃO MOURO  
E sem nenhuma detenção  
Contente obedecerei  
E com muita ligeireza  
Eu aqui vo-lo trarei.

*NOTA – O capitão mouro vai à cadeia buscar Gonçalves e diz o Conselheiro.*

CONSELHEIRO  
Batalha é de contar  
Na História figurada  
Sempre se tem de lembrar  
Na nossa *délica*<sup>36</sup> armada.

---

<sup>36</sup> Por “bélica”?

*NOTA – Gonçalo já vê pouco de tanto chorar na cadeia. O capitão leva-o pela mão. Chega o capitão com Gonçalves.*

REI ALMANÇOR  
Cristão, aqui jantarás  
O que eu agora te der  
E depois renegarás  
Da tua maldita fé.

*NOTA – Ficam todos a jantar, o Capitão, o Conselheiro, Gonçalves e toda a comitiva da casa real. Depois de findo o jantar fala o Rei Almançor.*

REI ALMANÇOR  
Para mais te convidar  
E vejas minha *denção*<sup>37</sup>  
Deste fruto gostarás  
Fruto do teu coração!...

*NOTA – Agora apresentam-se na mesa as cabeças dos Infantes muito ensanguentadas e um Anjo de cada lado da mesa, cada um com sua “bela” “aceza” na mão, Gonçalves cai ao chão ao ver as cabeças cortadas de seus filhos e fica como morto. Gonçalo levanta-se chorando muito e lamentando a morte dos filhos. Os anjos devem ter um véu a tapar a cara.*

*Fala Gonçalves e diz o seguinte. Dão também sinais nos sinos como a encordar*<sup>38</sup> *mortos e fala Gonçalves:*

GONÇALVES DE LARA  
Ao céu, meu Deus subirão  
Oh traição, traição, traição!...  
Como se vê ensanguentado  
Parte do meu coração.

Filhos da minha alma  
Fruto do meu jardim  
Quem teria de pensar  
Que aqui seria vosso fim.

---

<sup>37</sup> Por “intenção”?

<sup>38</sup> A forma “encordar”, com o significado de “dobrar os sinos por um defunto”, encontra-se registada no Dicionário da Real Academia Castelhana como um regionalismo de Leão, Palência, Salamanca, Valhadolid e Zamora, regiões limítrofes de Trás-os-Montes. O vocábulo, certamente com origem castelhana, é comum em toda a Terra de Miranda. Em mirandês diz-se “ancordar”.

Que *vinhais*<sup>39</sup> queridos filhos  
Que *vinhais* aqui buscar  
Para vos darem a todos morte  
Os soldados de Alamar.

Quantas vezes libertei  
Vossas vidas meus amados  
Para chegar a conhecer-vos  
Como valentes soldados.

Na província de Trás-os-Montes  
A todos vos eu criei  
E com um bom professor  
A todos eu eduquei.

Em Monte<sup>40</sup> de Viveiros  
Fonte dos Engaranhados<sup>41</sup>  
Eu *fis* que não se *afoga-se*  
Estes filhos tão amados.

Agora olho aqui  
A todos tão ensanguentados  
Sendo em terras de Lara  
Meus filhos bem respeitados.

NOTA – *Gonçalves vai agora mostrando ao povo as cabeças dos infantes uma por uma e fala Gonçalves dizendo a cada um dos infantes seu verso de teor seguinte:*

GONÇALVES DE LARA  
Gonçalo Vusto querido  
Filho do meu coração  
Abre os olhos agora  
E pede minha *benção*.

Gonçalvico filho amado  
*Qu'a* mãe te criou  
Olha dize-me agora  
Quem foi que te matou.

Diogo Gonçalves meu filho  
Não me façais mais penar  
Que com grande sentimento

Eu já não posso chorar.

Martininho dos meus olhos  
Filho do meu coração  
Dize-me agora aqui  
Quem te fez essa traição.

Gonçalves Augusto querido  
Que de ti fico esquecido  
Olha agora para mim  
Dá valor ao meu sentido.

*Ricarte*<sup>42</sup>, olha-me bem  
Não me façais mais penar  
Pelo amor que te eu tinha  
Aqui te quero beijar.

Pepinho<sup>43</sup> filho da alma  
Olha agora tua mãe  
Como te *esqueces-te* dela  
Por libertar teu pai.

Ó Rei Velasco que traidor  
O traidor contra o teu sangue  
Nosso Senhor Deus do Céu  
Te dê uma morte *exaugue*.

Eu morro de sentimentos  
Meu coração se desfaz  
Olhos tristes não choreis  
Que eu morro neste instante.

Já não vos vejo meus filhos  
Pois à força de chorar  
Agora aqui na cadeia  
Acabarei de cegar.

E de pena morrerei  
Aqui findar ó meu tormento  
A olhar as sete cabeças  
Obra de muito tormento.

Junta-te a estes filhinhos  
Meu coração sai fora

---

<sup>39</sup> Por “vínheis”.

<sup>40</sup> Na nossa versão a forma que nos aparece é “onte”.

<sup>41</sup> Estas referências toponímicas, “Monte de Viveiros” e “Fonte dos Engaranhados” são comuns à edição de A.A. São ambos topónimos do termo de Parada no concelho de Bragança.

---

<sup>42</sup> Por “Ricardo”. Na nossa edição aparece escrito sob a forma “Ricar-te”.

<sup>43</sup> Em A.A. aparece o nome José e não “Pepinho”. Este, possivelmente, por influência do castelhano “Pepe”, diminutivo de “José”. Os nomes dos Sete Infantes, segundo o romance tradicional, são os seguintes: Diego, Martín, Suero, Fernán, Rui, Gustios e Gonzalo.

Que já não posso falar  
É minha última hora...

PRINCESA MOURA  
Tremendo de sentimentos  
Fortes gemidos escutei  
E de tanto ouvir sofrer  
Sem sentidos fiquei.

*NOTA – “Desaparecem” as cabeças e Gonçalves é conduzido para a cadeia pelo capitão, a princesa também o acompanha e fala-lhe depois de ficar só os dois na cadeia para o consolar.*

PRINCESA MOURA  
Não chores grande capitão  
Que meu filho vingará  
Velasco, Aro e D. *Alambra*  
Cruel morte lhe dará.

Pois sabes é de teu sangue  
Mudarra, por ti gerado  
E em tudo é parecido  
É um valente soldado.

Agora vai para casa  
Gonçalves muito leal  
Te solto e te acompanhe  
Esta luz celestial.

*NOTA – Aqui aparece o 1º Anjo ao sair Gonçalo da cadeia. O anjo leva Gonçalo pela mão até chegar ao tablado dos cristãos e pelo caminho diz os versos que já deve saber de cor, chegando ao tablado o anjo desaparece. No tablado dos cristãos, na companhia de Gonçalo pelo caminho fala o anjo e diz o seguinte:*

ANJO DO CÉU  
Por mando de Jesus Cristo  
Eu sou o teu libertador  
Adiantemos o passo  
Anda sem medo e temor.

As tuas lágrimas benditas  
Tocaram Nosso Senhor  
Tirar-te dessa prisão  
E aliviar tua dor.

De entre mouros e selvagens  
Tirar-te Deus me mandou

Tua alma não se perca  
Muito Ele recomendou.

Andemos pelo caminho  
Andando sem dilação  
Que já ficará tranquilo  
Teu amante coração.

E a luz que minha mão  
Aqui te vai alumando  
Ali no céu ficará  
O teu assento ocupado.

Tuas mágoas e teus choros  
A Deus muito consolam  
A ponto que tua alma  
Junto de Deus colocaram.

Agora te deixo só  
A tuas terras tens chegado  
Já tens outra companha  
Para que sejas guiado  
Não penses em te vingar  
Deus não *quere* esse pecado  
Pede á mãe dolorosa  
De todo o teu coração  
Para poderes alcançar  
De Deus piedade e perdão.

*NOTA – O anjo vai-se embora, e Gonçalves segue para sua casa falando sozinho e cego e diz Gonçalves pelo caminho:*

GONÇALVES DE LARA  
Oh quem poderá esquecer  
Meus filhos tão exaltados  
Tu Velasques os entregastes  
Aos melhores soldados.

Filhos vinde acompanhar  
Neste passo tão dolorido  
Que já fiquei sem olhos  
E ficarei sem sentidos.

Já cheguei às minhas terras  
Meus filhos morando estão  
Como o nosso Deus do céu  
Na glória me esperarão.

*NOTA – Gonçalo chega “á” sua antiga morada “á” sua casa e cobre-se, esconde-se no seu competente*

*lugar. No trono do Rei Almançor se descobrem a  
princesa Moura e seu filho Mudarra e fala a  
princesa Moura:*

PRINCESA MOURA

Meu filho, quero que sejas  
O vingador da traição  
Que fizeram a teu pai  
Lá os da sua Nação.

Foi traidor contra seu sangue  
Velasco esse mau rei  
Que soube pela sua esposa  
Vender toda a sua Grei.

Sete filhos do teu pai  
Que dum parto foram nascidos  
Pela traição de Velasques  
Nestas terras foram colhidos.

Pelo teu avô Almançor  
As cabeças lhe cortaram  
E depois para se vingarem  
A teu pai *ll'os* mostraram.

MUDARRA

O que manda eu farei  
Logo imediatamente  
Montarei no meu cavaleiro  
Sem levar nenhuma gente.

Eu procurarei Velasco  
A quem desafiarei  
No campo da batalha  
Com ele pelejarei.

E perante a minha força  
Não lhe poderá valer  
Sua sagaz astúcia  
E seu maldito poder

PRINCESA MOURA

Depois faz por visitar  
Teu mui virtuoso pai  
Faz-lhe uma visita  
Da parte de tua mãe.

Diz-lhe que pelo baptismo  
Queres lavar tua alma  
Para subires à glória  
E colheres ramo de palma.

MUDARRA

Já me não detenho nada  
Pois que o meu coração  
Está para se vingar  
Desse erro e dessa traição.

Por isso minha *maizinha*  
Fique com Deus que me vou  
Pois que cheio já de fogo  
Aqui conheço que estou.

*NOTA – Mudarra monta no seu cavalo e vai  
procurar o rei Velasco no seu trono e que o desafia  
enquanto esta cena se passa fala o mandrião ou  
Cucharum e a criada.*

CUCHURUM

Agora sim eu estou  
Em tudo muito contente  
Pois os meus olhinhos vêem  
De novo aqui muita gente.

Cego veio nosso amo  
Á força de tanto chorar  
Se eu colhera os mouros  
Logo os faria rebentar.

Minha criada tu agora  
Que paraste de ralhar  
Já que veio o nosso amo  
Vem cá comigo a dançar.

CRIADA

Ó bruto dança tu só  
Que eu não posso parar  
Tenho que trabalhar muito  
Para o meu soldo ganhar.

CUCHARUM

Já morreram os infantes  
Que querias afogar  
Lá por debaixo dos Viveiros<sup>44</sup>  
Pelo teu fato ganhar.

CRIADA

Tu não sabes o que dizes

---

<sup>44</sup> Veja-se, acima, a referência ao “Monte dos Viveiros” local onde, supostamente, a criada deveria ter morto os infantes. A Ribeira de Viveiros é um afluente do rio Sabor.

Não me façás *empeçar*<sup>45</sup>.

CUCHARUM

Pois por vontade e por força  
Te farei aqui dançar.

*NOTA – Criado e criada começam a dançar até que Mudarra se apresenta bem armado a falar com o Rei Velasco:*

MUDARRA

Cheguei ao campo cristão  
Ao rei Velasques buscar  
E com sua *magestade*  
Muito quero conversar.

Eu corri Castela  
Sem ninguém me conturbar  
A mim bem me conheceram  
Sou soldado de Alamar.

A ninguém neguei a Pátria  
De quantos me procuraram  
E sem dúvida nenhuma  
Os caminhos me ensinaram.

Agora cheguei a ver  
A coisa que procurava  
Velasques a sua corte  
Que era quem eu buscava.

Velasques bem te conheço  
Cumpre agora teus desejos  
Venho falar contigo  
E conhecer teus manejos.

Sai bravo, sai daqui  
Que só a ouvir-me falar  
Já sabes ao que venho  
Já podes imaginar.

*NOTA – No trono se descobrem Rei Velasques, Conde de Aro e D. Alambra assentado e fala Mudarra:*

MUDARRA

Oh! Faces desconhecidas  
Pelo crime cometido  
Olhai-vos agora aqui

Não se vos perde o sentido.

Eu sou Mudarra, Senhores,  
Meu avô é Almançor  
Meu pai conde de Castela  
E eu vosso vingador.

A traição que vós *fizesteis*  
Aos Sete Infantes de Lara  
Aqui a venho a vingar  
E a atirar-te em cara.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Como soubeste mandar  
A Gonçalves com embaixada  
Mandando-o aprisionar.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Para dar gosto ao coração  
Entregaste a juventude  
Desta formosa Nação.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Desde aqui te desafio  
Penso em sair vitorioso  
No meu coração confio.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Aqui tua pessoa  
Não venha a tua gente  
Isso será coisa boa.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Pelejemos braço a braço  
E tu verás o valor  
Da minha lança e braço.

Oh! Traidor contra o teu sangue  
Oh! Conde *agalardado*  
Tu te comprometeste  
Só por te veres vingado.

Por isso foi a traição  
Nas suas bodas armada  
Rei Velasques já vez  
Que eu não duvido nada.

*NOTA – O rei Velasques sai fora do trono, desce agora ao cavalo o Mudarra e pelejam braço a braço:*

---

<sup>45</sup> Cf. mirandês “ampeçar”, significando “começar”, “dar início a algo”.

REI VELASQUES

Pois que de outra maneira  
*Já mais* nos encontrou  
Quem te falou minha traição  
Quem de tudo te contou.

Quem com tanto valor  
Esta traição te contarei  
Pois me queria vingar  
Como de ti vingarei.

A minha raiva e rancor  
A vida lhe tirarei.

MUDARRA

Para que vejas o medo  
Que tenho daqui morrer  
Para cumprir tua vontade  
Do cavalo vou descer.

*NOTA – Desce do cavalo e sobe para o tablado e pelejando por algum tempo morre a Rei Velasco, sai o Conde a pelejar e fala o Conde:*

CONDE DE ARO

Também quero pelejar  
Pois é minha obrigação  
E seja uns os outros  
A picar o coração.

MUDARRA

Isso quero eu aqui  
Ó que contente me vejo  
Eu matarei este conde  
Para cumprir meu desejo.

*NOTA – Pelejando muito, morre o Conde de Aro, Mudarra fala para D. Alambra:*

MUDARRA

Aqui D. Alambra  
Eu tinha por boa mulher  
Tem de pagar este crime  
Também tem de morrer.

*NOTA – Mudarra entra no trono e mata D. Alambra e continua a falar Mudarra:*

MUDARRA

Sem dilação nenhuma  
Meu pai vou conhecer

Assim o *quere* Deus  
Antes que tenha de morrer.

*NOTA – Mudarra vai procurando a casa de seu pai que deve estar assentado à direita do tablado e fala Mudarra para o pai:*

MUDARRA

Me amigo onde estará  
Um Gonçalves conhecido?

*NOTA – Gonçalves sentado na cadeira à direita do tablado responde o seguinte:*

GONÇALVES

Eu darei razões dele  
Junte mais ao meu ouvido  
E diga o senhor quem é  
Com muitíssimo sentido.

MUDARRA

Sou filho duma moura  
E por Gonçalves gerado  
Pois assim a minha mãe  
Assim me tem contado.

GONÇALVES

És Mudarra querido?

MUDARRA

Sim! Sou esse que dizeis  
Pois vim para me vingar  
Dos traidores do seu sangue  
A quem eu vim a matar.

Agora minha mãe  
Me mandou a conhecer  
Meu pai, Conde de Castela  
Que ela já não torna a ver.

GONÇALVES

Já Deus me concede vista  
Meus olhos tornam a ver  
Que milagre tão patente  
Se deixa aqui conhecer!...

Para mais me *intender*  
Meu anel eu deixarei  
Àquela formosa moura  
Que na cadeia eu amei.

E se mo apresentar  
Reconhecido será  
Por filho de quem lhe fala  
Até a morte amará.

MUDARRA

Minha mãe me entregou  
D'um anel sua metade  
E disse que não me esquecesse  
Dele até a eternidade.

Aqui está olhe-o bem  
E não se queira enganar  
Pois a jóia que entregou  
Quem tanto sabia amar.

GONÇALVES

Agora acredito eu  
Pois és meu filho querido  
A olhar para o anel  
Já me *turba* o sentido.

Eu sou teu pai Mudarra  
E forte pelejador  
Em batalhas e acções  
Contra do Mouro Almançor.

Meu condado eu ganhei  
Á força de pelejar  
Em o reinado de Castela  
Contra o mouro de Alamar.

E a não ser pelas traições  
Do rei Velasques traidor  
E sem dilação nenhuma  
Se vendeu ao meu valor.

Mas assim meu filho amado  
Tudo se foi acabando  
Desde que em Burgos se começou  
D. Alambra ir vingando.

Entre cristãos e mouros  
Os meus filhos são cercados  
No meio de quinze mil homens  
Foram todos degolados.

MUDARRA

Pois o Rei Velasques matei  
Com o fio da minha espada  
A traição dos infantes

Por mim [foi] bem vingada.

Também ao Conde  
A morte lhe soube dar  
Com o ferro da minha lança  
Bem o soube trespassar.

E também de D. Alambra  
Muito me soube vingiar  
A matei e dei ordens  
Para seu corpo queimar.

Mas depois p'ra lhe dar gosto  
E cumprir meu ordenado  
Com a água do baptismo  
Eu quero ser purificado.

Minha mãe assim o *quere*  
Para ser um bom cristão  
Meu pai arranje padre  
Eu beijarei a sua mão.

GONÇALVES

Isso meu filho que pedes  
Quero antes de morrer  
Para dar gosto ao mundo  
Cristão te hei-de fazer.

E logo daqui te irás  
E ficarás purificado  
E se cumprires esta missão  
Toma já conta do condado.

*NOTA – Se cobrem, o criado vai chamar o padre  
e ali é “baptisado”. Mudarra, mudando de traje,  
enquanto esta cena se passa fala no trono o  
Almançor:*

REI ALMANÇOR

Onde tens a Mudarra  
Filho do teu coração.

PRINCESA MOURA

Oh! Meu pai eu não sei  
Onde Mudarra estará  
Se foi a terras de cristãos  
Sozinho bem se olhará.

Ia para se vingiar  
Da morte de seus irmãos

Pois queria o Rei Velasco  
Dar morte com suas mãos.

#### CONSELHEIRO

Mal feita foi a traição  
O seu sangue assim vender  
Aos seus grandes *inimigos*  
Por se fintar da mulher.

Mas eu não devo estranhar  
Aos que se chamam cristãos  
Valentes são no pelejar  
Mas muito pouco irmãos.

Sempre estão a fazer  
Uns aos outros traição  
Por isso foram enviados  
A esta formosa Nação.

*NOTA – Baixa o pano, se cobrem e sai Mudarra da casa de seu pai Gonçalves e se dirige à casa do seu avô Rei Almançor, durante o trajecto fala Mudarra:*

#### MUDARRA

Meus senhores todos  
Fiquei senhor deste reinado  
E do condado de meu pai  
Por ser muito do seu agrado.

Com licença de meu pai  
Minha mãe vou visitar  
E a dar-lhe a notícia  
De quem me soube vingar.

*NOTA – Vão-se pela última vez e fala o rei Almançor para sua filha no trono:*

#### REI ALMANÇOR

Está-me parecendo filha  
Que jamais torno a ver  
O meu adorado neto  
Que muito desejava ver.

Vejo *ver*<sup>46</sup> um cavaleiro  
Que ao longe me relampeja  
Pelo trajo não o conheço  
Queira Deus Mudarra seja.

*NOTA – Chega Mudarra de ter vingado o seu sangue, os Sete Infantes de Lara. Vem a cavalo, chega ao tablado apeia-se, dá o cavalo ao seu escudeiro, vai para o trono e fala para a mãe:*

#### MUDARRA

Minha Mãe aqui está  
O seu filho muito querido  
Venho a visitá-la  
Como lh'o tinha prometido.

Os traidores de meus irmãos  
Já todos vingados estão  
Agora na outra vida  
Seu prémio receberão.

Logo que cheguei desbaratei  
A Velasques e Velasquinhos  
Depois fui-me embora  
A ter com o meu paizinho.

Agora minha querida mãe  
Fiquei senhor daquele reinado  
E agora vou-me embora  
A reger este reinado.

#### FIM

*NOTA – Seguem todos para o tablado dos cristãos, saindo dali todos formados para dar volta ao povo; no fim de tudo. No fim de tudo, isto é, no tablado quando todos “estam” em linha formados, antes de sair, diz o profeta, o das profecias:<sup>47</sup>*

Aqui se dá o fim senhores  
A esta grandiosa obra  
Se ouve erro haja perdão  
E pedimos de coração  
Dando a Deus os louvores  
E se *intendeis* que mereço  
Por isto tudo louvores  
Dai palmas que eu agradeço  
E desculpem meus senhores.

RETOCADA E CORRIGIDA EM 10 DE  
ABRIL DE 1949 PELO SENHOR  
Firmino João Miranda Lopes.

---

<sup>46</sup> Por “vir”.

---

<sup>47</sup> As primeiras palavras que nos aparecem transcritas são estas: “Senhores, este é o tema da obra que venho anunciar”. Contudo, parecendo-nos que se trata de um lapso, optámos por retirá-las.



